

VOS



VOZ OPERÁRIA SOCIALISTA

Outubro 2025 • Ano 1 • Número 1

vosbr.corici@gmail.com

Segue a gente!



Contribua com a
imprensa operária!

Palestina Livre Já do Rio ao Mar

Nasce a VOZ Operária!

2

Quem somos
nós? O que
defendemos?

3 a 8

ESPECIAL: Voz Operária
Socialista no XV Congresso
do Sindicato dos Metalúrgicos
de Campinas e Região!

QUEM SOMOS NÓS? O QUE DEFENDEMOS?

Rompemos com a LIT-QI e com o PSTU e estamos iniciando esta jornada de criação de uma nova organização. Nova no sentido de que não existia, mas baseados na experiência histórica da classe operária. Resumimos em 8 pontos os eixos centrais nos quais nos apoiamos:

1. O CAPITALISMO FALHOU

O capitalismo é um sistema onde poucos enriquecem às custas do suor e sofrimento da maioria. Uma sociedade na qual sobram casas e alimentos, mas que bate recordes de pessoas em situação de rua e famintas.

A produção segue a lógica do lucro, da competição, e não das necessidades da população. Aliás, essa mesma lógica tem causado mudanças climáticas cada vez mais graves, ameaçando a nossa própria existência no planeta. É um sistema apodrecido, que precisa ser cortado pela raiz.

3. NENHUMA CONFIANÇA NA BURGUESIA E BUROCRACIAS

Os patrões que nos exploram querem nos convencer que temos interesses em comum, que juntos podemos chegar às melhores soluções. Isso não é verdade!

Qualquer luta que travamos deverá ser de forma totalmente independente, a partir das nossas próprias organizações e assembleias, sem um pingo de confiança na burguesia e seus agentes, seja qual for a máscara que estiverem utilizando, mais conservadora, mais progressista etc.

5. FRONTEIRAS DE CLASSE, NÃO DE NAÇÃO

Temos visto a resistência do povo palestino e vimos a greve que parou a Itália em solidariedade a eles. Assistimos à resistência ucraniana, às lutas dos jovens no Nepal, no Marrocos, no Equador entre outros.

Diante disso, há uma certeza: temos mais interesses em comum com os explorados de todo o mundo do que com os exploradores de nosso próprio país.

Por isso nos organizamos na **Corrente Operária Revolucionária Internacional - Quarta Internacional (CORI-QI)**. Nosso projeto de sociedade socialista e libertação da humanidade ultrapassa as fronteiras nacionais. **Somos internacionalistas.**

2. TODO PODER AOS QUE TUDO PRODUZEM

Nossas cidades foram erguidas com o esforço da classe operária. Cada prédio, remédio, televisão e smartphone teve que passar por um longo processo, desde a extração das matérias primas até sua montagem e distribuição.

Para nós quem deve controlar as fábricas e os serviços na sociedade são aqueles que trabalham nelas. Só assim se poderá organizar o trabalho de acordo com as necessidades das pessoas, dividindo as horas necessárias de trabalho pelas pessoas em condições de trabalhar. O nome dessa forma de organização social é **SOCIALISMO**.

4. ABAIXO O IMPERIALISMO

A injustiça não está só na distribuição de trabalho e riqueza dentro de cada país, mas entre os diferentes países. Nossos governos aceitam se submeter ao imperialismo, cujos países sugam as riquezas daqueles que são inferiores na divisão internacional do trabalho.

Já nós trabalhadores não aceitaremos isso. Do contrário não será possível a verdadeira libertação da humanidade.



6. AS OPRESSÕES SÃO FERRAMENTAS PARA A DOMINAÇÃO CAPITALISTA

O capitalismo se utiliza das diferenças de gênero, orientação sexual, raça e nacionalidade para explorar ainda mais uma camada de trabalhadores. Além disso, essa sua política também serve para nos dividir.

A história do Brasil é marcada pela escravidão que persiste na violência policial, genocídio e encarceramento em massa. Combater as opressões é uma questão de princípios. Não pode ser livre aquele que oprime.

Além disso, oprimir é um negócio muito lucrativo para a burguesia. O único jeito de derrotá-la é nos unirmos contra toda forma de opressão.

7. ORGANIZAR NOSSA AUTODEFESA

O Estado capitalista possui o monopólio sobre o uso da violência. Eles dizem que as polícias e exércitos estão armados para agir em nome da população de conjunto. O restante de nós deveria permanecer pacífico.

Porém, na verdade, a lei é diferente de acordo com a posição social: os ricos a quebram quando querem, e os pobres são punidos sem direito a julgamento.

Precisamos defender nossas próprias comunidades, inclusive nos defender da repressão policial, e isso deve ser feito de forma coletiva e organizada.

8. UM PARTIDO PARA A REVOLUÇÃO SOCIALISTA MUNDIAL

O que defendemos aqui só pode acontecer a partir de uma verdadeira revolução que arranke o poder das mãos dos exploradores. A classe operária é quem faz bater o coração da sociedade capitalista, por isso é ela que deve estar no centro de sua derrubada.

Esse projeto precisa de um Partido, mas diferente de todos os partidos da ordem. Nós precisamos de um Partido que organize em suas fileiras trabalhadores que façam diariamente o trabalho revolucionário, não que funcione com base no calendário eleitoral.

Um partido que seja sério com o estudo da teoria marxista e com a denúncia cotidiana do abuso dos patrões, governos, do imperialismo e polícias. Um partido que se dedique a conversar todos os dias com nossos companheiros de classe que ainda tem ilusões nesse sistema e que se prepare para os processos revolucionários.

Convidamos todos e todas a conhecer a Voz Operária Socialista!

VOZ OPERÁRIA SOCIALISTA NO XV CONGRESSO DO SINDICATO DOS METALÚRGICOS DE CAMPINAS E REGIÃO!

Diferente da maioria das organizações, que falam muito em operariado mas não fazem nada, nós já nascemos com a dedicação operária em nosso DNA.

Não pretendemos ser mais uma “organização de esquerda”, e sim ter como foco o trabalho político junto àquelas e àqueles que produzem as riquezas na sociedade.

Todos os setores da classe trabalhadora são explorados. Todos são importantes e necessários nas lutas. Mas é nas fábricas

que pulsa o coração do capitalismo. Por isso seus grandes coveiros são essas pessoas que trabalham na indústria, gerando todo o lucro que depois é dividido socialmente de maneira tão desigual.

Estreamos este primeiro número de jornal com um especial sobre o congresso. Os textos a seguir são uma síntese da tese que apresentamos para a categoria. Confira no nosso site a tese na íntegra!



ESPECIAL XV CONGRESSO METALÚRGICO DE CAMPINAS

CRESCE A REVOLTA DAS MASSAS CONTRA OS EFEITOS DA CRISE CAPITALISTA!

Nas últimas semanas, diversos levantes populares têm ocorrido contra a destruição das condições de vida causada pela crise capitalista. Desde 2008, há uma guerra social contra a classe trabalhadora e os setores oprimidos.

O imperialismo norte-americano busca impor um novo patamar de exploração aos povos de todo o mundo. Sua cartilha é seguida pelos diversos governos nacionais, sejam de extrema-direita ou os ditos "progressistas". Para garantir esses interesses e de suas burguesias, repassam a fatura da crise para os trabalhadores na forma de ataques brutais e repressão violenta.

Por isso, crescem as rebeliões que sacodem o mundo, e elas têm enfrentado contra governos de "diversas colorações". Equador, França, Sérvia, Nepal, Indonésia, Angola, Marrocos e Madagascar são apenas alguns dos países marcados por lutas que têm questionado e derrubado governos e estremecido regimes.

Resistência Palestina e solidariedade internacional impõem isolamento a Israel!

O principal epicentro da situação mundial é a resistência palestina. Foram semanas de marchas multitudinárias que ocuparam cidades e se ampliaram diante do sequestro da flotilha da liberdade. Centenas de milhares denunciaram o sionismo e exigiram o fim do genocídio executado por Israel.

Teve papel de destaque o movimento operário. Na Bélgica que se recusou a transportar materiais bélicos para Israel. Na Espanha protagonizou greves e paralisações parciais de metalúrgicos. Além de duas greves gerais na Itália.

Essa situação obrigou Trump a intervir, sob risco de perder o controle, e a impor a paralisação do genocídio a partir de uma "proposta de paz" que, na verdade, tenta seguir a colonização por outros meios. É preciso continuar defendendo o fim do genocídio e denunciar o falso acordo de paz de Trump. Para uma paz verdadeira, é preciso apoiar a resistência palestina, defender o fim do Estado de Israel e uma Palestina laica, democrática e não racista.

NO KINGS: Protestos em 2.600 cidades norte-americanas se enfrentam com Trump!

Se no Oriente Médio Trump tenta controlar a situação, uma segunda onda de manifestações se levanta contra seu governo nos EUA. Na última semana, milhões saíram às ruas para protestar e superaram as 1.600 manifestações de 14 de junho, até então o maior dia de mobilização nos EUA desde 2020.

As ruas foram ocupadas com denúncias contra medidas auto-

ritárias, políticas de imigração, aumento do custo de vida, privilégios dos bilionários, entre outras. Neste momento, o governo tem alta taxa de reprovação e enfrenta uma paralisação (shutdown). A mobilização aponta para a possibilidade de fragilização cada vez maior deste que é o principal governo da extrema-direita hoje.

Construir o poder dos trabalhadores e o socialismo para barrar a exploração e a opressão!

Todas essas lutas expressam a indignação contra o aumento da exploração e da opressão. É preciso erca-las de solidariedade e apresentar uma alternativa de organização para a sociedade. O capitalismo se organiza em torno do lucro. A burguesia se apropria individualmente da riqueza que os trabalhadores produzem coletivamente, espalhando a miséria para a maioria.

Organizar a sociedade sobre bases socialistas é colocar a produção a serviço da satisfação das necessidades dos trabalhadores e do povo pobre. Isso só é possível com uma revolução que enfrente os privilégios dos grandes capitalistas e que coloque o poder sob controle da classe trabalhadora para organizar um Estado Operário a serviço dos seus interesses.



ESPECIAL XV CONGRESSO METALÚRGICO DE CAMPINAS

CONSTRUIR UMA OPOSIÇÃO SOCIALISTA REVOLUCIONÁRIA CONTRA O GOVERNO LULA!

No Brasil, os trabalhadores são explorados duplamente: pela burguesia nacional e pelo imperialismo que mantêm o país subordinado, sempre de olho em super lucros e em nossas riquezas naturais.

No caso das tarifas, Lula, apesar do discurso em defesa da soberania, diz agora que “pintou uma química” com Trump e coloca na mesa de negociação recursos naturais estratégicos para os brasileiros, como as terras raras.

Lula, na prática, mostra que está alinhado aos interesses do capital nacional e internacional. Uma breve análise mostra a essência neoliberal de sua política econômica. Manteve as reformas trabalhistas, de Temer, e da previdência, de Bolsonaro, e já prepara a reforma administrativa.

Além disso, criou o “Arcabouço Fiscal”, um “teto de gastos” recauchutado, para seguir drenando a riqueza nacional produzida pelos trabalhadores para os cofres dos banqueiros.



Extrema-direita entreguista e golpista não é alternativa!

Nesse cenário, a oposição de extrema-direita nada tem a ver com os interesses dos trabalhadores. São os mais raivosos nos discursos em defesa do agro, das bets e dos empresários contra o fim da escala 6x1. Seus governos, como os outros, chafurdaram na lama da corrupção.

Além disso, tem dado provas que são inimigos dos interesses nacionais, apoizando Trump em seus ataques contra o Brasil. E, como vimos, tentaram dar um golpe para acabar com o pouco de liberdades democráticas que

temos. Prisão para Bolsonaro, seus cúmplices e seus financiadores empresariais é pouco!

Só a classe trabalhadora pode defender os interesses nacionais!

Temos uma forte classe trabalhadora no país. Apesar de sermos 4% da população, produzimos quase 15% do PIB e estamos no coração da economia capitalista. Além disso, sempre estivemos

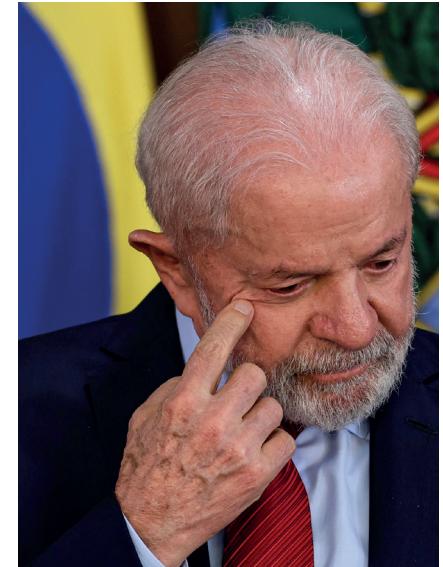
na vanguarda das lutas políticas do país, inclusive foram os metalúrgicos que se levantaram em 79 e iniciaram a derrubada da ditadura civil-militar.

O capitalismo brasileiro é profundamente desigual. Mais de 75% da riqueza que produzimos não fica com os trabalhadores. Ela vai para os patrões brasileiros e estrangeiros e para o Estado capitalista. Desta, quase metade vai para a dívida pública e, da metade que sobra, parte vai para grandes empresários, através de isenções de impostos, terceirizações e privatizações. Sem falar nos privilégios dos políticos e na corrupção.

Enquanto os empresários têm seus negócios vinculados ao capital estrangeiro, e por isso são dependentes dele, os trabalhadores só têm a perder com o roubo da riqueza realizada pelo imperialismo. Por isso, somos o único setor social que podemos liderar a defesa da economia nacional e dos recursos naturais contra as agressões de Trump.

Construir oposição socialista revolucionária ao governo Lula no movimento operário!

Derrotar Bolsonaro nas últimas eleições foi necessário. Mas o fato de ele ser um representante autoritário da burguesia não torna santos os seus adversários. Lula, entre um discurso e outro, segue a cartilha do imperialismo e, por isso, atua contra os interesses dos trabalhadores e da maioria dos brasileiros. Independente do governo, fato é que a dominação do Brasil vem crescendo nos últimos 40 anos.



Medidas como a isenção do imposto de renda ajuda muita gente, mas terá efeito passageiro porque não corrige a tabela, muito menos corrige toda a estrutura desigual do capitalismo brasileiro.

É preciso construir uma alternativa socialista no movimento operário contra a exploração e a opressão defendida pela burguesia brasileira e o imperialismo e que, por isso, faça o combate ao governo de Lula e desmascare a oposição de extrema-direita.

ESPECIAL XV CONGRESSO METALÚRGICO DE CAMPINAS

GOVERNO TARCÍSIO DE FREITAS: VITRINE DO BOLSONARISMO A SERVIÇO DOS PATRÓES!

São Paulo continua sendo chamado de “o motor do Brasil”, mas para quem vive e trabalha aqui o que cresce mesmo é a precarização da vida do trabalhador. O estado mais rico do país virou exemplo de como o governo escolhe ficar do lado dos empresários enquanto o povo sofre com salários baixos, transporte ruim, saúde precária e violência policial.

As políticas defendidas seguem uma mesma lógica: beneficiar os mais ricos. Isenções de impostos para grandes empresas, privatizações de serviços essenciais como a SABESP e a CPTM, entrega do patrimônio público e abandono dos serviços básicos. Quando dizem que vão “melhorar a educação”, na prática significa privatizar escolas e tirar mais recursos do que já está sucateado.

Para piorar, boa parte dessa agenda é financiada pelo próprio BNDES de Lula. Isso mostra que o discurso de “diferenças ideológicas” entre estes governos são limitados. Quando o assunto é favorecer empresários, todos se sentam à mesma mesa e repar-



tem o pão entre eles.

Ao mesmo tempo, cresce a violência contra quem mais precisa de proteção. A chamada “guerra às drogas” virou desculpa para perseguir principalmente jovens negros. Não é guerra ao tráfico: é guerra ao trabalhador. A lei de drogas de 2006 não diminuiu o crime, apenas aumentou as prisões injustas e a violência policial nas periferias.

E enquanto falta investimento em direitos básicos, sobra dinheiro para equipamentos de vigilância, drones e tecnologias trazidas de outros conflitos, como os usados em Israel contra o povo palestino, agora testados nas periferias brasileiras.

Muitos acham que o estado deveria garantir condições dignas de vida. Mas esses exemplos mostram como seu verdadeiro papel é tratar trabalhadores como inimigos e entregar nosso futuro nas mãos de quem lucra com a nossa exploração.

Plano de ação no Sindicato

Nenhuma conquista dos trabalhadores caiu do céu — tudo veio da luta organizada. Por isso, diante da retirada de direitos e das privatizações, os sindicatos precisam estar na linha de frente das lutas.

É preciso fortalecer a solidariedade as lutas pró-Palestina e as diversas outras revoltas que sacodem o mundo, denunciando o genocídio e mostrando à categoria que o mesmo sistema que massacra o povo palestino, e os ataque a outros povos é o que retira direitos no Brasil. Essa denúncia deve vir acompanhada de debate sobre controle operário, mostrando que os trabalhadores não podem continuar apenas produzindo lucro: precisam decidir a serviço de que está essa produção.

Outro eixo é trazer o combate ao imperialismo para o centro do dia a dia sindical, enfrentando a subordinação do Brasil a projetos como o de Trump e outros países imperialistas.

É urgente retomar a luta pela revogação das reformas trabalhista e da Previdência, mostrando que Lula prometeu e não cumpriu e, junto a isso, denunciar seu Arcabouço Fiscal e a reforma administrativa, que paralisam investimentos públicos e atacam os serviços essenciais. Aqui em SP, é preciso também enfrentar a política privatista de Tarcísio e os acordos entre governos que

entregam o patrimônio nacional. Nos municípios, os sindicatos devem estar ao lado dos servidores, que têm sido exemplo de resistência.

A campanha pelo fim da escala 6x1 e pela redução da jornada sem redução salarial deve ganhar força. E para fortalecer todas essas lutas é importante conquistar delegados sindicais e comissões de fábrica, para que a organização parta de dentro dos locais de trabalho. O momento exige coragem e os sindicatos precisam estar à altura dessa luta.



A ESTRUTURA SINDICAL E A LUTA DA CLASSE TRABALHADORA

Os sindicatos surgiram da necessidade dos trabalhadores se unirem para lutar e resolver problemas comuns, como salários e condições de trabalho, porque de maneira coletiva se tem mais força. Inicialmente, havia maior controle sobre os sindicatos e seus representantes.

Essa realidade foi mudando, pois os capitalistas viram a necessidade de domesticar os sindicatos. No Brasil, o governo Vargas teve papel fundamental nesse processo. Ao legalizar a atividade sindical, criaram uma estrutura que afastava os trabalhadores dos dirigentes sindicais e da vida e organização dos sindicatos.

Essas leis impõem que eles sejam um instrumento apenas das demandas econômicas. Assim, a maioria dos sindicatos se limitou às pautas salariais, de PLR e outros direitos de cada categoria. Às vezes nem isso.

Isso é o que está por trás da baixíssima popularidade dos sindicatos hoje. O sentimento de não ser representado é muito justo. Além disso, muitas vezes foi crescendo o privilégio das cúpulas sindicais e diminuindo a independência do sindicato, com rabo-preso com patrões e distintos governos.

Diante das manifestações de 2013, a Lei da Terceirização e as Reformas Trabalhista e da Previdência, ficaram nítidas as fragilidades e desafios dos sindicatos hoje. Quando foi necessário mobilizar os trabalhadores para lutas políticas, vimos os sindicatos paralisados e a classe trabalhadora se movendo por fora deles. Os sindicatos se afastaram da maioria dos problemas da classe trabalhadora e viraram quase que escritórios de rotina,

As lutas cotidianas e a estratégia final

As lutas do dia a dia das categorias são muito importantes. Por meio delas, podemos debater sobre quem produz a riqueza, que somos nós, trabalhadores. Fica evidente a contradição com as nossas vidas, que em geral só pioram, enquanto os patrões só enriquecem e nada produzem.

Mas se paramos nessas lutas, vamos continuar assistindo o mesmo filme repetido: lutar, conquistar algo e no dia seguinte ter



direitos arrancados, demissões, inflação... e voltar a lutar como cachorro correndo atrás do rabo.

Os sindicatos devem ser escolas de guerra, para preparar a classe operária para a revolução e a construção de uma nova sociedade, socialista. A partir de tomar o poder será possível que os interesses e necessidades da maioria se imponham.

No fundo só há dois caminhos. Ou os sindicatos são revolucionários e pautam esse debate no cotidiano. Ou acabarão mais cedo ou mais tarde abandonando até as lutas cotidianas.

Por isso o jornal do sindicato deve estar a serviço de avançar nos debates políticos e estratégicos com a categoria, incluindo os polêmicos. Se não fizermos isso outros farão: a grande mídia, as empresas, os governos, as igrejas, os partidos defensores do capitalismo etc.

Organizar e integrar a categoria ao seu sindicato

A realização de congressos periodicamente e de convenção para formação de chapa são duas medidas importantes para os sindicatos envolverem suas categorias.

Também é essencial que haja espaços de organização sindical na base nas empresas. Ter comissões de fábrica/empresa ou delegados sindicais, que possuam estabilidade no emprego, são parte disso.

Obviamente as empresas vão querer sempre se limitar à lei, que não garante estabilidade. Mas é possível lutar e conquistar essas ferramentas. Elas fortalecem as entidades na base e possibilitam o surgimento de novas companheiras e novos companheiros na luta.

Outro caminho importante é via CIPAs. A disputa das eleições da CIPA nas empresas, se feita de maneira firme e organizada, pode eleger gente que use a estabilidade concedida por lei para organizar o local de trabalho.



ESPECIAL XV CONGRESSO METALÚRGICO DE CAMPINAS

EXPLORAÇÃO E OPRESSÃO NAS CIDADES E NA CATEGORIA

Os 40 anos de desindustrialização relativa do país impulsionam setores de menor valor agregado (extrativismo, agronegócio, alimentação). Assim se reduz o peso relativo de setores mais tecnológicos, que se reestruturaram para ampliar a exploração dos operários.

Usamos o estudo do ILAESE sobre a região de Campinas para dar alguns exemplos.

Em 2016 fecharam as fábricas da mexicana Mabe em Campinas e Hortolândia. Ali se fabricava os fogões Dako e Continental. Porem ela vendeu essas marcas para a sueca Electrolux. Ambas ainda são fabricadas no Brasil, em regiões com salários mais baixos.

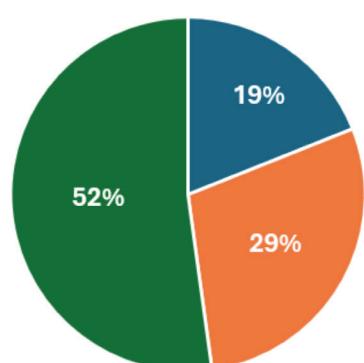
A Honda levou a sua fábrica de carros de Sumaré para Itirapina em 2016. Em 2024 fechou a Mercedes em Campinas, concentrando em São Bernardo. E em 2026 fechará a Toyota de Indaiatuba, concentrando em Sorocaba.

Isso mostra como os objetivos dos patrões são apenas lucrar, não importa as consequências. São milhares de famílias trabalhadoras afetadas por esses planos cotidianos dos patrões.

Mas isso não é por terem prejuízos ou coisa assim. Vejamos dois exemplos de quem controla toda a riqueza que nós produzimos:

Campinas

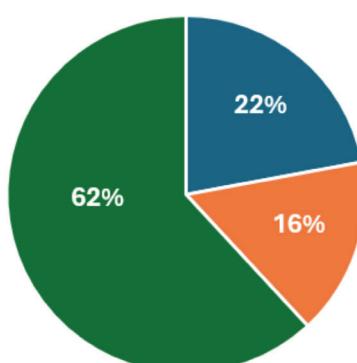
- Impostos ■ Salários ■ Lucro



Fonte: ILAESE

Indaiatuba

- Impostos ■ Salários ■ Lucro



Fonte: ILAESE

Há diferenças entre as cidades, mas no fim das contas o grosso da riqueza produzida por nós, classe trabalhadora, é apropriada pela burguesia. Diretamente (por suas empresas) ou indiretamente (pelo Estado).

Opressão machista e exploração

Importante ver também como se aproveitam das opressões para lucrar ainda mais. Como exemplo analisamos a média salarial de homens e mulheres na região.

Elas tiveram aumento percentual na sua participação na categoria, de 14,84% em 2006 para 19,63% em 2023. Vejamos como se dá o aumento da exploração sobre todos, e em especial sobre as mulheres, a partir do machismo:

Há redução da diferença salarial entre gêneros, porém a queda

Média Salarial (Metalúrgicos RMC, 2006)	Média Salarial (Metalúrgicos RMC, 2023)
Homens: 6,44 salários-mínimos	Homens: 4,90 salários-mínimos
Mulheres: 4,55 salários-mínimos	Mulheres: 3,76 salários-mínimos

Fonte: ILAESE

no poder de compra é dramática para todos. A inserção feminina na indústria é muito importante, mas se dá com a precarização global do trabalho. Some-se a isso a opressão da dupla jornada (trabalho doméstico e cuidado de filhos), que afeta mais as mulheres.

Juventude e exploração

Também temos visto o aumento da média de idade nas fábricas da região. Isso se dá principalmente pelo achatamento salarial, que reduz os salários em geral e torna os empregos industriais menos atraentes para os jovens.

A participação percentual de pessoas entre 40 e 49 anos de idade cresceu quase 50% desde 2006. Entre 50 e 64 anos quase dobrou! No entanto seus salários caíram de 8,63 para 5,82 salários-mínimos. Já de 18 a 24 anos de idade a média salarial caiu de 3,44 para 2,09 salários-mínimos!

Pesquisas futuras deverão mostrar uma piora ainda maior nesses dados quando pegarem os reflexos do fechamento das plantas da Mercedes e da Toyota.

Qual a saída?

Lutas salariais, por direitos e condições de trabalho são necessárias. Mas como vimos, mesmo na região de Campinas, onde há um sindicato atuante, com tradição de luta e conquistas, a situação da nossa classe piora.

Por isso construímos a **VOZ OPERÁRIA SOCIALISTA**: venha com a gente lutar contra a exploração e a opressão capitalistas! **A saída é socialista: vejamos nós os donos das riquezas que produzimos, para atender as nossas necessidades!**